

A LIBERDADE ENCURRALADA OU AS FACES DO TOTALITARISMO*

CORNERED FREEDOM OR THE FACES OF TOTALITARIANISM

Nivaldo Duarte de Marins**

RESUMO:

O texto possui como referência a filosofia política de Karl Jaspers. Nós demonstramos a tensão entre a liberdade e as várias faces do totalitarismo. Propomos uma distinção entre alototalitarismo e autototalitarismo. Numa segunda parte, definimos a liberdade e concordamos que ela deva estar presente a cada dia no cotidiano da comunidade. Demonstramos e criticamos o mal uso da tecnologia que altera o comportamento e as crenças do homem comum. Analisamos o conceito de *apparatus* assim como a força das massas sobre os indivíduos. Finalmente, acreditamos que a pronta ação através da comunicação pode conter a ação do totalitarismo. A comunicação sempre estará em defesa da democracia. Contudo, em extremo, outros caminhos devem ser considerados, quando os valores democráticos encontram-se em risco. Nós clamamos por uma mudança política. Nós necessitamos de uma política baseada no *Ethos*. O movimento para o *Ethos* inicia-se em nós mesmos e passa a ser projetado para a comunidade e torna-se o caminho vivo da política, com valores e ações para todos.

PALAVRAS-CHAVE: liberdade; totalitarismo; *ethos*; indivíduo; política.

ABSTRACT:

The text has as reference the political philosophy of Karl Jaspers. We demonstrate the tension between freedom and the many faces of totalitarianism. We propose a distinction between allototalitarianism and self-totalitarianism. In a second part, we define freedom and agree that it must be present every day in the daily life of the community. We demonstrate and criticize the misuse of technology that alters the behavior and beliefs of the common man. We analyze the concept of *apparatus* as well as the force of masses over individuals. Finally, we believe that prompt action through communication can contain the action of totalitarianism. Communication will always be in defense of democracy. However, in the extreme, other paths must be considered when democratic values are at risk. We call for political change. We need a policy based on *Ethos*. The movement for *Ethos* starts in ourselves and starts to be designed for the community and becomes the living path of politics, with values and actions for everyone.

KEYWORDS: freedom; totalitarianism; *ethos*; individual; policy.

* Artigo recebido em 13/10/2022 e aprovado para publicação em 12/12/2022.

** Mestre em Psiquiatria pela Faculdade de Medicina do Porto. Mestre em Filosofia pela Faculdade de Letras do Porto. Doutorando em Filosofia pela Faculdade de Letras do Porto. E-mail: nivaldomarins@sapo.pt.

INTRODUÇÃO

Partimos do princípio que existe uma tensão entre a liberdade e o totalitarismo. Então, poderíamos, para um esclarecimento prévio, indagar: “quantas são as formas do totalitarismo?” Parafraçando a famosa passagem bíblica quando frente ao endemoniado e querendo saber quantos demônios habitam o corpo daquele pobre homem, a resposta que Jesus recebe é: “Meu nome é Legião.”

São várias e sibilinas as formas do totalitarismo. Propomos dividir o totalitarismo em duas instâncias: o chamado alototalitarismo, cuja ação e efeito que nos atinge surge do espaço exterior e de uma outra instância, o autototalitarismo que habita e se move em nosso mundo interior.

Encontramos num outro polo a liberdade. Não devemos olvidar que a liberdade não é algo que nos é dado. A liberdade implica ação. A liberdade encontra-se filiada aos verbos: conquistar, crescer e proteger. Qual seria a fonte primeira da liberdade? Sem pestanejar e seguindo de perto a filosofia política de Karl Jaspers, diríamos que é a liberdade individual. Bem sabemos que nos dias que correm, o clamor de uma liberdade individual e como consequência as capacidades de escolha de cada indivíduo têm sido caladas. Caladas, ora pelas diversas tecnologias mais avançadas que comunicam falsos acontecimentos, ora pelo silêncio das baionetas. A liberdade individual leva-nos ao contato com o outro. É dessa relação que os ideais e as vontades mais marcantes surgem e crescem.

Passemos, então, à liberdade política, que é exercida nos pequenos atos cotidianos, repartidos dentro da comunidade em que vivemos. Uma liberdade política que, no tempo certo, se fará presente pelos votos de cada um em uma democracia plena. No entanto, como veremos, o nosso sentido de liberdade não deve deixar-se levar pelas falsas promessas, pela cedência dos nossos princípios ou qualquer outra forma de manipulação.

O caminho que deve ser trilhado, a partir da liberdade individual, nomeadamente o posicionamento ético de cada um de nós na comunidade deve ser transferido para o viver e o agir político mais amplo. O ponto fulcral para que esse objetivo seja alcançado é o da comunicação com o outro. A comunicação estará sempre presente: alertando para a presença do espectro do totalitarismo, estimulando os homens a trabalhar para o bem comum, resolvendo querelas que colocariam em risco o próprio rumo democrático. A palavra sempre estará presente, mesmo quando todos esses caminhos falharem e, em prol do bem maior democrático, tivermos que lançar mão de outros instrumentos.

Em resumo: as diversas formas de totalitarismo passam a ser mecanismos sibilinos que negam a nossa vida libertária. Frente a esse Leviatã que se aproxima a passos largos e de diferentes formas no nosso cotidiano, devemos clamar e defender a liberdade individual. Em seguida, o sentido ético deve se estender à vida política, tendo como referência maior o Ethos. Não negamos que seja uma longa e árdua caminhada que temos diante de nós. Sendo assim, vamos avançar.

FACES DO TOTALITARISMO

Em primeiro lugar, a ação do totalitarismo causa em nós uma série de sentimentos que nos deixam confusos, sem capacidade de tomarmos partido; e nomeadamente o medo é o princípio do totalitarismo.

Jaspers (1989, p. 79, tradução nossa) chega à conclusão que:

Não é fácil ver através do totalitarismo. É como uma máquina que se autoinicia quando muitos dos operadores falham em alcançar o que eles sempre conseguiam. Isto demonstra um ser independente. Falando em termos místicos, parece como algo sem alma, alguma coisa demoníaca, na qual partes de todos aqueles que vagueiam na sua cegueira são à semelhança daqueles que provocam um parcial conhecimento. Totalitarismo é como um fantasma que bebe o sangue da vida e então alcança a realidade, enquanto as vítimas caminham, existindo como uma massa de corpos vivos.

Não podemos perder de vista que qualquer tipo de totalitarismo deve ser escrito como um acontecimento histórico. Dito de outra forma e ampliando o nosso conhecer: a causalidade histórica só pode ser vista no particular. Um conhecimento histórico que poderia fazer frente ao totalitarismo ocorre no que chamamos de “vida política”. Jaspers (1989, p. 73, tradução nossa) afirma que “na vida política, este conhecimento significa uma autoevidência dos fatos conhecidos por todos, mas frequentemente esquecidos – essas opiniões são uma das bases da formação da vontade popular que é expressa nas cédulas de votação”.

Jaspers no que diz respeito ao campo da “vida política”, chama a nossa atenção, alertando:

É nossa responsabilidade, todavia, fazer a verdade do conhecimento prevalecer, reduzir as coisas ao que realmente são na sua simplicidade e formas mais convincentes. Então, no dia da eleição, quando as massas atirarem os seus votos, tanto quanto possível, saberemos o que eles querem e o que eles irão fazer. (JASPERS, 1989, p. 73 tradução nossa).

Um outro instrumento do totalitarismo é a separação de laços ou, de uma outra forma, a fragilidade dos laços que nos unem sofrem a ação quer da “propaganda política” quer da utilização da tecnologia mais avançada.

A concepção de “fidelidade” passa a ser manipulada, colocada fora do seu contexto original. Isto ocorre, por exemplo, quando por ação do totalitarismo a nossa fidelidade ao nosso país deve ser relacionada com as regras e práticas comuns que existem. Como consequência, teríamos que aqueles que não concordam com essa visão seriam marcados como “traidores da pátria”. Nessas condições a fidelidade passa a desmoronar-se. A fidelidade torna-se presente, perene e atuante entre os homens. Porém, essa fidelidade, a par de resultar de um “solo histórico”, é mantida por uma “substância moral” que implica uma “inviolável solidariedade”.

No entanto, não devemos esquecer que:

Esta fundação em tais origens só pode ser mantida numa constante luta contra as forças que a destruíram. Nós mantemo-la em milhões de pequenas ações diárias, as quais servem para apoiar a vida juntos, e isso tem sido para nós confiável, mantemo-la nas grandes decisões de cada momento. (JASPERS, 1989, p. 75, tradução nossa).

O totalitarismo ainda possui uma outra faceta que de forma enganosa surge no caos criado pelo próprio totalitarismo: “[...] ele aparece como um salvador” (JASPERS, 1989, p. 77, tradução nossa).

O totalitarismo aspira a que os homens deixem de ser eles mesmos. Busca o desmantelamento das uniões mais profundas. No lugar da “humanidade”, o que o totalitarismo oferece como saída é a cega obediência. A crítica que possamos fazer a nós próprios e aos atos que observamos à nossa volta são trocados pela aceitação de tudo o que possa ocorrer. A cega obediência é o preço do juízo crítico. Jaspers (1989, p. 77, tradução nossa) adverte-nos que:

Isso se torna real e cria uma nova existência na sua totalidade. Isso introduz uma nova concepção de verdade – a linha partidária – e uma fé cega na certeza absoluta do todo, e nos seus líderes diários. Isso introduz uma nova linguagem. Ao uso sofisticado de paralogismos, o comunismo acrescenta o uso sofisticado em torno da dialética. Isso justifica, tanto faz, quanto a ser desejado ou comandado ao mesmo tempo, trocando o preto pelo branco, e A por Z. Esses argumentos são puras crenças; de fato não existe qualquer discussão.

O medo é um princípio de dominação basilar do totalitarismo. É um medo sem cara, sem personificação, mas que nos corta a respiração quando sentimos a sua presença e

tememos por sua ação a qualquer instante. É o absurdo de termos medo do próprio medo. Medo da ausência de respostas ou por não termos feito, na devida altura, a indagação mais correta aos olhares dos outros.

O medo alimenta a suspeição. Tudo serve para confirmar os “primeiros indícios”. Tal como “as tentativas de uma feiticeira, qualquer observação, qualquer linha de conduta de cunho oposto pode vir a ser interpretada como a confirmação da suspeição” (JASPERS, 1989, p. 80, tradução nossa). O corolário dessa atitude de suspeição que paira acima de todas as cabeças é a de que, no final, todos venham a suspeitar de todos.

Não nos deixemos enganar. Não nos deixemos ser levados por uma loucura coletiva. O que temos em mãos, a bem da verdade, é que:

A claridade a respeito da natureza do totalitarismo é a nossa melhor arma, se nós tivermos sucesso na divulgação disso entre a população. Indignação, violência, abuso, não são boas armas. Totalitarismos desaparecerão no ar puro da clara visão. Mas esta forma de visão necessita ser mostrada. E mais além, ela é praticada brilhantemente, gentilmente, relaxadamente, nas mais ricas formas de expressão, nas mais simples elucidações especiais, no mais claro recital de fatos, na mais efetiva forma de ser. (JASPERS, 1989, p. 85).

Por último, não devemos deixar de lado a influência do totalitarismo ao transformar, manipular e impingir uma absoluta e implacável forma de linguagem. O objetivo torna-se claro e devidamente alcançado: a perda da nossa capacidade de questionarmos o mundo que nos rodeia. Uma clara vertente da nossa perda de liberdade. Estamos acordados com Barthes (1982, p. 11) quando diz: “chamo discurso de poder todo discurso que engendra o erro, e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe”. Logo, para que a comunicação seja eficaz e evitemos o erro, somos obrigados a dizer de determinada forma. De uma única forma. As diversas maneiras que a criatividade venha a tomar são deixadas de lado.

O nosso próximo passo será agruparmos as diversas faces do terrorismo e propor uma denominação própria para cada grupo. Teríamos:

- 1- O totalitarismo visto como um “fantasma” estranho e exterior a nós mesmos.
- 2- O totalitarismo que destrói os nossos mais fortes laços, seja pela propaganda, seja pela tecnologia mais avançada.
- 3- O totalitarismo que surge diante de nós, como um grande “salvador”.

Para tais faces do totalitarismo propomos a denominação de alototalitarismo. *Alo* exprime a noção de outro; de algo diferente de nós. Advindo do exterior.

Por outro lado, o totalitarismo que nos leva:

- 1 - A ter medo, do próprio medo.
- 2 - A perder o nosso sentido crítico.
- 3 - À mudança da nossa linguagem.

Tais faces do totalitarismo estariam sob a rubrica do autototalitarismo. ‘Auto’ encontra-se filiado a noção do próprio, relacionado ao meu Eu.

EM TORNO DA LIBERDADE

A liberdade significa a supremacia dos direitos do homem em qualquer lugar.

A liberdade, no mundo em que vivemos reflete-se: na apresentação e discussão de ideias opostas; no pleno acesso à informação dos fatos; no escrutínio da sociedade sobre os acontecimentos; na escolha livre de quem nos governará; no respeito e cumprimento do que for acordado pelos membros da sociedade; na definição dos mecanismos que farão tolher a ação irracional do Estado; na defesa de todos os membros da sociedade, principalmente das minorias.

A liberdade, na expressão da “liberdade política” que ora estamos a explorar, mantém uma vinculação primordial com a verdade. A verdade une os homens na inspiração, manutenção e desenvolvimento dos seus ideais libertários.

A liberdade necessita de estar presente no quotidiano das pessoas. Dito de outra forma, não é só uma ideia que nos inebria o espírito, mas está presente na concretude dos atos dos cidadãos, nas suas discussões em torno de dificuldades que surjam. Por outras palavras, estamos diante de homens que:

Nascidos num país agitado desde há séculos pela luta dos partidos e onde as fações tinham sido obrigadas, uma após outra, a colocarem-se sob a proteção das leis, a sua educação política tinha sido feita nesta dura escola e estavam mais difundidas entre eles as noções relativas aos direitos e aos princípios que relevam das verdadeiras liberdades do que na maioria dos outros povos europeus. (TOCQUEVILLE, 2002, p. 67).

A liberdade política e a organização dos homens em torno das ideias que defendem atuam e estão presentes desde que cada cidadão deixa para trás a porta da sua residência.

Como ocorre essa união?

A arguta observação de Tocqueville (2002, p. 599) dá-nos a resposta. Ei-la: “as liberdades levam um grande número de cidadãos a valorizar o afeto dos seus vizinhos e

próximos, conduzem portanto à aproximação constante dos homens, apesar dos instintos que os separam, e obriga-os a entreajudarem-se”.

A expressão da ação e “liberdade política” faz-se nas pequenas coisas. Elas ocorrem pela sucessão de pequenos serviços prestados ou por “um hábito constante de benevolência e uma firme reputação de pessoa desinteressada” (JASPERS, 1989, p. 82, tradução nossa).

Deve existir e ser estimulado em todas as comunidades locais a arte de ser livre. Porém, não nos devemos enganar, “por mais limitados e ignorantes que os homens sejam, não há quem, entre eles (os homens ou povo), não perceba que os excessos de liberdade política podem comprometer a tranquilidade, o património e a vida dos indivíduos” (TOCQUEVILLE, 2002, p. 589).

Não devemos confundir poder e violência. Deixemos de lado a concepção, bastante difundida, de que a violência representaria o domínio do homem pelo homem a partir dos meios de “violência legítima”. A ação da palavra contra a violência é, por vezes, limitada, mas torna-se necessária. Longe de uma visão cândida de estarmos no melhor dos mundos, uma condição para o uso da palavra contra a violência, surge no nosso horizonte imediato. É a seguinte: “só nós podemos fiar nas palavras se estamos certos de sua função que é a de revelar e não a de esconder” (ARENDRT, 1994, p. 49). A ação politicamente livre – assumida por cada homem – utiliza a linguagem e não só a razão e a consciência como um movimento que revela os nossos desejos, que demonstra ao mundo de outros homens o vigor de nossas ideias. Arendt (1994, p.59) nos diz que:

O que faz do homem um ser político é sua faculdade para a ação; ela o capacita a reunir-se a seus pares, agir em concerto e almejar objetivos e empreendimentos que jamais passariam pela sua mente, deixando de lado os desejos de seu coração, se a ele não tivesse sido concedido este dom – o de aventurar-se em algo novo.

INDIVÍDUO E COLETIVIDADE

Jaspers (1989, p. 57, tradução nossa) vai ao centro do problema, ao questionar: “existe ainda uma possibilidade da preservação do eu individual uma vez que a sociedade tem sido coletivizada?” O homem moderno encontra-se num movimento contínuo de melhorias de base tecnológica. Na busca, não encontro outra adjetivação, frenética de conquistar o mundo.

Não devemos olvidar que o homem é sempre igualmente um indivíduo dentro de um todo. O indivíduo existe através do seu meio ambiente, e este, por sua vez, existe somente

pela força de cada indivíduo. Existe em pauta, o que chamaríamos de uma “necessária complementaridade” entre o homem e o mundo. No entanto, existe uma particular característica do ser humano que nos interessa. Tal característica colocaria o homem frente, não só da necessidade de defender as suas ideias, mas de exercer com maestria a sua liberdade política.

Karl Jaspers (1989, p. 58) esclarece-nos:

Mas o fato básico do ser humano, o qual nos distingue de todos os animais, é que neste caso, pode não existir uma perfeita relação do indivíduo e coletividade. Isto é porque o homem tem uma história. Pelos seus trabalhos, pela sua divisão do trabalho, ele produz estruturas as quais – ao contrário de uma inerência biológica – são invariavelmente frágeis e facilmente perturbadas.

É pela existência de uma incerta, frágil e imperfeita relação entre o indivíduo e a coletividade e da sombra – sempre presente – do totalitarismo por meio de uma mão armada, que a vontade política se deve manter.

Por conta das mudanças tecnológicas, a coletividade e o indivíduo assumem uma nova forma. Podemos comprovar que “o englobar comunitário, no qual nos movíamos como um, está agora dividido – uma divisão que nos tem dado consciência de como existe um abismo entre a comunidade e a sociedade” (JASPERS, 1989, p. 58, tradução nossa) e, prossegue Jaspers (p. 59), “esta substancial comunidade era histórica; única em cada instância, nascida de um insondável passado o qual escutávamos, o qual passávamos das palavras da nossa boca para os livros, habilidades, costumes, hábitos e propriedades, sobretudo pela família e por uma fé em comum”.

A coletividade tornou-se tecnicista e tornou possível a rápida e efetiva mudança de qualquer lugar ocupado por um indivíduo em seu interior. Aspectos como a identificação do indivíduo com os seus pares, o seu conhecimento pessoal frente às relações comunitárias que lhe foram dadas e por ele foram construídas passam a dar lugar a um futuro que se caracteriza por ser insensível às necessidades do “homem comum”.

O futuro é marcado por ser sem substância; voltado para uma crescente quantidade que necessita ser respondida a par de ser fomentada; um aprimoramento técnico que avança a passos largos; a sensação de esgotamento do homem que caminha pelas ruas é respondida, prontamente, por novas máquinas. Novas máquinas que fixam o seu olhar nos botões que o fazem, rapidamente, esquecer o que sente.

Somos forçados a seguir um velho pensador: “a meditação perdeu toda a sua dignidade exterior; ridicularizou-se o cerimonial e a atitude solene daquele que reflete; já não se poderia continuar a suportar um sages da velha escola” (NIETZSCHE, 2000, p. 43). E mais adiante: “[...] tudo se passa como se tivéssemos na cabeça uma máquina que girasse incessantemente e que prosseguisse o seu trabalho, mesmo nas piores circunstâncias” (p. 44).

Jaspers vai de forma clara explicitar a sua visão das polaridades que, ao manterem entre si uma tensão, estão presentes nesse teatro de operações. Não devemos esquecer que o valor maior da liberdade se encontra como pano de fundo de suas considerações. Jaspers (1989, p. 60) diz-nos que “nós temos visto, de forma bastante simplificada, que o homem pertence a duas polaridades: primeiro aquela do indivíduo e coletividade, e então, dentro da coletividade, para aquela entre a comunidade substancial e a sociedade tecnicamente planificada” Essas polaridades colocam em perigo qualquer noção básica que tenhamos de liberdade. Jaspers (1989, p. 61, tradução nossa) oferece um exemplo concreto:

Os extremos demonstram essa situação de forma bastante clara. De um lado, trabalhadores forçados, condenados a uma assassina exploração, são degradados em campos de concentração para uma existência inumana de meras bestas; do outro lado, trabalhadores emancipados por uma legislação protetora e com horas reduzidas – sem comunidade, eles podem não mais ser eles próprios e assim não saber o que fazer a si próprios. Torna-se a organização coletiva do ócio para resgatar a plena liberdade que se perdeu. Da azáfama do trabalho, eles derivam para o atropelo do prazer.

MITOS MODERNOS E O ESVAECER DA LIBERDADE

Estamos frente a frente a uma transformação do homem. Essa transformação faz o homem comum carregar em seus ombros, não o mundo, mas uma necessária marca que se entranha em si. A marca da “ideia da existência tecnológica”. Trazer conosco tal marca pode acarretar que sejamos levados pela força de mitos que nos atrairiam.

Cabe alinharmos alguns desses mitos que povoam o nosso cotidiano: o mito de uma personalidade perfeita, o mito que ocupamos uma posição ímpar na comunidade tecnológica que temos entre os dedos, que conseguimos sem o árduo trabalho e devida reflexão dar opiniões válidas em assuntos complexos, que temos total liberdade de fazer calar os que não concordam conosco, por meio de insultos pessoais via internet. Na verdade, o homem tornou-se um tipo e não um indivíduo.

Porém, existe um tipo de mito que merece uma atenção mais detalhada e que tem relação com a liberdade ao longo dos tempos. O mito do progressivo movimento da História. Jaspers (1989, p. 63, tradução nossa) chama a nossa atenção ao dizer que “para sacrificarmos a nós próprios incondicionalmente para esta inexorável necessidade é denominada a maior felicidade da existência, porque é somente a ação mais relevante. O indivíduo, nesta visão, é inútil, exceto ao serviço da história”. Não cabe ao indivíduo, frente à marcha inexorável da História, fazer qualquer objeção. Nada poderá deter o comboio da História.

A importância e a ação do indivíduo são censuradas. Basta qualquer clamor, que este passa a ser visto como doentio. Ao indivíduo só cabe aceitar viver em bando, aceitando sem pestanejar o que lhe demarca o seu pastor. Outrossim, o questionamento não se cala e deve ser retumbante “de que teria valido ter discutido as opiniões dos outros se, convidado para o banquete como quem não leva nada consigo, não tivéssemos trazido nada de nosso, nada produzido e elaborado pelo nosso engenho?” (DELLA MIRANDOLA, 2006, p. 97).

Não podemos negar a importância da coletividade para o indivíduo. Jaspers (1989, p. 66) deixa claro: “fora de uma coletividade que se tem deteriorado por um engenho gigante de terror, ele (o indivíduo) pode voltar-se para uma nova fonte de verdadeira comunidade”. Tal verdadeira comunidade surge do encontro com o outro e da partilha da verdade que daí emana.

A bem da verdade, nos dias que correm, os destinos de qualquer comunidade encontram-se nas mãos de uma minoria; surgem no nosso horizonte os mais diferentes mitos que visam ocupar o lugar da liberdade; os problemas que envolvem a polaridade do indivíduo e da coletividade avolumam-se nas sombras. “Mas se o homem se preservar em si mesmo como um indivíduo, ele pode, com a renovação de sua coletividade, ter esperanças de resistir à ruína da humanidade – se somente, talvez por uma mudança na moral – política dele próprio que equivaleria a uma auto-reversão.” (JASPERS, 1989, p. 67, tradução nossa).

Avancemos numa outra dimensão. Voltemos a nossa atenção para uma outra “oposição” no campo político que abarca a liberdade quotidiana. Façamos menção aos limites da vida quotidiana. Estes limites surgem do embate com a racionalidade produzida com a ajuda dos avanços técnicos.

Vivemos a época em que as nossas necessidades são supridas de forma imediata. Isso graças a novas descobertas e invenções, a novas bases de produção, a novos processos de organização das empresas, a um metodológico aumento da produtividade no trabalho, a uma

rapidez das comunicações e dos transportes, ao estabelecimento de leis articuladas que asseguram a pleno cumprimento dos seus objetivos.

Sigamos Jaspers (1951, p. 35, tradução nossa): “enormes empresas podem agora ser propositalmente guiadas de um único centro, apesar dos seus empregados serem de centenas de milhares e seus tentáculos estendidos sobre a inteira superfície do globo”.

Jaspers vai denominar o “Aparatus” a essa configuração estrutural e dinâmica dessa organização, essa configuração tem como objetivo suprir as massas com as necessidades da vida. Essas necessidades da vida são criadas e mantidas por uma racionalização e mecanização que atuam juntas por meio de inúmeras correntes.

Tais transformações vão limitar a capacidade de opção, de escolha e da possibilidade do homem comum de tomar uma posição consciente frente ao que ocorre à sua volta. Tais transformações refletem uma limitação, uma coerção à liberdade do indivíduo.

O PODER COERCITIVO DAS MASSAS NO COTIDIANO INDIVIDUAL

As “massas” possuem como características: a intolerância, a impulsividade, a sugestibilidade e a mutabilidade. O indivíduo está mesclado com a massa e torna-se algo diverso do que é quando se encontra sozinho. O indivíduo torna-se estranho a si mesmo. O indivíduo, na expressão utilizada por Jaspers, torna-se “um átomo isolado”. O comportamento das pessoas envolvidas na massa passa a ter determinadas características, passa a ser movido pelos sentimentos mais primitivos. Jaspers (1951, p. 39, tradução nossa) afirma que “pessoas ‘na massa’ parecem ser guiadas pela busca do prazer e trabalham apenas sob o estalar de um chicote ou quando impelidas por uma ânsia por alimento e por iguarias; ainda eles estão aborrecidos, quando nada têm por fazer, e têm uma perpétua ânsia pelo novo”. Porém, uma “massa articulada” passa a ter outras características, digamos assim, mais refinadas. As chamadas massas articuladas são mutáveis, diversificadas e “[...] expressões transitórias de algumas consequências históricas específicas da existência humana” (JASPERS, 1951, p. 39, tradução nossa).

A “regra das massas” interfere nos hábitos e nas atividades do indivíduo, passando a ser as massas os nossos mestres. Podemos assumir diversas posturas frente ao poder das massas: podemos não levá-las em conta, não acreditando na sua influência; podemos crer que a solidariedade humana, um dia, as fará recuar em sua constância; podemos crer que as

ameaças que emanam do crescimento das massas não passam de um jogo retórico. Jaspers (1951, p. 40, tradução nossa), por outro lado, adverte-nos que mesmo “uma massa articulada sempre tende a tornar-se sem espírito e inumana. É a vida sem existência, superstição sem fé. Isso pode estampar tudo plano; sem inclinação para tolerar independência e grandeza, mas propenso a restringir as pessoas a tornarem-se automáticas como as formigas”.

No entanto, não devemos deixar de perceber e acreditar que nós existimos, não como unidades isoladas, “mas como membros de uma família em casa, como amigos em um grupo; como partes desse ou de outro ‘bando’ com origens históricas bem fundadas” (JASPERS, 1951, p. 41, tradução nossa). Ao tornarmo-nos o que somos, devemos valorizar o peso e a influência da tradição que nos mobiliza a ser responsáveis pelo nosso próprio futuro. Ao caminharmos à deriva, levados pelos sentimentos e atos repetidos por todos, somos levados a uma falsa universalização da vida cotidiana. Somos tentados a “[...] reduzir a vida de um homem real num mundo real a uma mera função” (JASPERS, 1951, p. 42).

Em consonância com todo o *Aparatus* a vida do homem alterou-se de forma sutil. No seguinte sentido: o homem ainda tem o seu viver permeado por um espírito que percebe o que ocorre ao seu redor, que valoriza a sua propriedade conseguida com afinco. No entanto, a técnica da ordenação da vida alterou, sobremodo, a forma da relação que o homem tem com as coisas. As coisas surgem no “horizonte” do homem meramente como uma gratificação de uma necessidade momentânea. Esse é um dos apelos das massas. Esse movimento implica que, “lançado à deriva neste caminho, em falta com todo o senso de continuidade histórica, com o passado ou futuro, o homem não pode permanecer homem” (JASPERS, 1951, p. 42).

É inevitável a tensão que surge entre o *Aparatus* que envolve o homem e o mundo real que ele habita, vive e morrerá. Essa tensão toma a forma de mal-entendidos entre os homens, na forma de um clima de destruição, de um rastilho que só espera o primeiro ato impensado. A situação vivida pelo homem é marcada por contradições e paradoxos. Quando o “*Aparatus* titânico” da ordem das massas, refletido na relação que passamos a ter com as coisas é consolidado, o indivíduo utiliza essa ordem instalada. O indivíduo, se quiser possuir os seus meios de subsistência, a sua atividade intelectual, a sua vontade preservada necessita satisfazer a vontade da maioria. Jaspers (1951, p. 40, tradução nossa) define tal situação de forma incisiva: “ele (o homem) necessita dar moedas para alguma coisa que daria prazer à multidão”.

A vida individual sofre uma alteração na sua dimensão temporal, a que poderíamos chamar, não longe de críticas, de “atomização do tempo vivenciado”. Dito de outra forma, a

vida individual é vivenciada somente num fugaz momento (como a vida de certas partículas subatômicas). Em consequência, o indivíduo perde a noção basilar da continuidade do tempo. Do tempo que precisa ser lembrado. O tempo é dissociado das fases biológicas que constituem o viver.

A perda do nexos entre os atos que são realizados pelo indivíduo traz em si um paradoxo da liberdade. Dito de outra forma e avançando em nossas considerações, o indivíduo passa a ter uma falsa sensação de liberdade, pois ele pensa que é “sempre simultaneamente o início e o fim; ele pode fazer agora isto, agora aquilo, e agora outra coisa; tudo parece a qualquer momento possível, e ainda nada é verdadeiramente real” (JASPERS, 1951, p. 49, tradução nossa). O que acontece rapidamente segue o caminho de também ser rapidamente desfeito.

Quando olhamos com detalhes o que ocorre em relação à liberdade do indivíduo, deparamo-nos com dois planos que se enredam em torno dele. Sejam mais claros e indo ao essencial. Um plano que, seguindo a posição Jaspers, chamaríamos do “titânico *aparatus*” e que funcionaria provendo ao indivíduo as suas básicas necessidades (e criando, na sua mente, as novas e rápidas necessidades. Imperiosas necessidades). O outro plano é formado pela obrigação que o indivíduo possui de sujeitar-se, chamemos assim, à força da tradição ecoada pelas massas sem rosto. Estes dois planos encontram-se marcadamente embaralhados.

Qual a consequência dessa situação?

Jaspers (1951, p. 50, tradução nossa) apontaria duas: por conta da ação do “titânico *aparatus*”, os indivíduos, por ocuparem diversas posições momentâneas na sua relação com o mundo e com os outros que o rodeiam, “não têm partes de uma substância histórica as quais eles imbuíram como sua individualidade eles (os indivíduos) não mais possuem um lugar definitivo ou ‘status’ na totalidade”.

A mudança acarretada pelo “titânico *aparatus*”, de mãos dadas com a burocracia, faz com que o homem perca as suas raízes e seja reduzido ao nível de uma coisa, visto que nada apela a ele com a verdade do ser substancial. O homem é apenas a função que exerce neste mundo que o circunda. A perda da liberdade do homem é refletida no seu espaço mais íntimo, assim como alcança os seus sentimentos. Esse espaço mais íntimo é o do viver em família. A família, na visão jaspersiana, necessita ser o local da vida ordenada, da solidariedade, da mútua consideração, da confiabilidade mútua e de obrigações recíprocas. Estaria, pois, em evidência que “o lar, a comunidade familiar é uma superação da afeição pela qual o indivíduo

é ligado a outros membros da comunidade em laços de perpétua fidelidade” (JASPERS, 1951, p. 58, tradução nossa).

A transformação do lar num mero lugar onde encontramos comida e um lugar para dormir altera profundamente as bases, os laços e os intercâmbios das pessoas. Acrescentaríamos a esse quadro que o “aumento do tecnicismo da vida diária tende a fazer as pessoas completamente indiferentes ao ambiente os quais elas mudam de coração leve” (JASPERS, 1951, p. 59, tradução nossa).

CONCLUSÃO: O QUE FAZER?

Alcançar uma nova posição, de superação do *status quo*, deve ser empreendida por mim próprio. O que deve falar mais alto é a minha liberdade individual. Com o intuito de permanecer humano em meio a um mundo caótico, o indivíduo deve evocar para o seu próprio eu o que nenhum outro pode evocar para ele: o raiar da sua liberdade.

Porém, cabe a inquietante pergunta que surge como as sombras do passado, sombras que são identificadas como forças totalitárias: caso os mecanismos políticos que resguardam a liberdade coletiva e individual vierem a soçobrar, o que devemos fazer? Jaspers (1961, p. 24, tradução nossa) nos diz: “não é suficiente encontrar novas instituições; nós necessitamos de nos mudarmos a nós próprios, as nossas características, as nossas vontades morais e políticas”.

Qualquer um de nós que mantenha frente às liberdades (quer política que envolve o nosso viver em sociedade quer individual) uma postura de indiferença ou de sujeição não conseguirá compreender as ameaças que nos cercam no cotidiano. Jaspers (1961, p.25 tradução nossa) delineia um paralelismo entre o que observamos ao nosso redor, marcado

[...] pela mesma desavergonhada chantagem e a mesma cedência para a mesma, a mesma geral ocultação atrás da argumentação legal de uma mera ficcional autoridade que é secretamente desprezada por alguns e vista por outros como a guardiã de seu conforto o qual pode ser abandonado por tudo no momento decisivo.

Dito de outra forma e esmiuçando essa passagem: as mudanças mais gerais, nomeadamente no campo (ou seria melhor arena?) política, só ocorreriam através do caminho da mudança que cada pessoa empreenderia na sua vida pessoal. Isso depende de todos (estamos a pensar na pequena comunidade que rodeia cada homem) e de cada indivíduo.

Sigamos Jaspers, “ele [o homem] faz, numa pequena escala, o que numa escala mais ampla provoca a autodestruição da humanidade. Nada existe na vida humana e na ação humana que não tenha também uma significação política” (JASPERS, 1961, p. 25 tradução nossa).

Ao estarmos no campo político não devemos ser levados pelos discursos mais apaixonados que refletiriam, em última instância, aspectos da nossa personalidade. O que faz concretamente um político não em obediência a um *Ethos*, mas seguindo as oportunidades que surgem e as diretrizes do seu grupo social, é seguir as regras de uma comunidade de nações. Caso não as siga, as consequências seriam bastante desprazerosas.

Como poderíamos facear essa situação? Jaspers aponta dois aspectos complementares e necessários. Numa vertente encontramos a fonte primeira dessa transformação. A transformação da liberdade política, que ocasionaria uma redefinição do viver político surge quando Jaspers (1961, p. 26, tradução nossa) nos diz que “a resposta reside no indivíduo e é expressa, não por meio de uma opinião, mas pela sua vida”.

Na segunda vertente deparamo-nos com algo que não pode ser planeado e que necessita colocar-se de forma independente acima da política, pois chegamos a uma situação em que “a absolutização da política conduz ao insucesso até ‘vis-à-vis’ as tarefas políticas. Se as políticas não permanecem dependentes da suprapolítica isto pode apressar cegamente sua ruína” (JASPERS, 1961, p. 26, tradução nossa).

A próxima questão seria: o que move a suprapolítica? O que moveria essa nova ação política de um homem transformado, na visão jaspersiana, seria o *Ethos*. Estamos diante da necessidade imperiosa da consciência do agir frente aos meandros do totalitarismo. Não devemos esquecer, até o findar dos tempos, que a liberdade não nos é dada. A liberdade quer no plano individual quer no árduo plano coletivo necessita ser conquistada, preservada e protegida.

Concretamente, os políticos devem ter uma postura que siga os ditames do *Ethos*, deixando de lado as oportunidades pessoais que lhes surgem; a visão que privilegia o seu grupo social e o uso de artimanhas em proveito próprio. O bem maior que deve ser preservado, muitas vezes com sangue, suor e lágrimas, é o da liberdade, bem como o do viver democrático que é o espaço natural onde habita o ser livre.

Vejamos mais detalhadamente. Jaspers (1961, p. 26, tradução nossa) acredita que o homem, “apesar de sua constituição psicofísica parecer a mesma, o homem muda-se a si próprio ao longo do tempo e assim muda a sua aparência histórica apesar do que é

compreendido pela biologia e psicologia, historicamente, o homem pode mudar”. Na visão jaspersiana, essa mudança histórica da humanidade ocorreu com os antigos profetas de Israel, assim como por meio dos pensadores e poetas da Grécia e “com as inovações da Antiguidade e os primeiros séculos da cristandade, com o fundamento bíblico do ‘ethos’ do mundo protestante” (JASPERS, 1961, p. 26, tradução nossa).

Em relação ao totalitarismo, cabe termos em conta que não temos soluções milagrosas. Seria prudente valorizarmos as apresentações do totalitarismo em todos os quadrantes e acreditar que a ameaça do seu crescimento existe como real possibilidade. O perigo do totalitarismo deve ser visível para cada um de nós que deseja preservar a sua e a coletiva liberdade cotidiana. Certamente, vozes poderão se levantar a dizer que tal posicionamento é romântico. Não existiria qualquer valor e peso nas palavras ditas, no momento que um estado de crise se aproxima.

Pergunto: seria o caso de darmos as costas ao Leviatã que avança? É certo que teremos que fazer uso das palavras e acreditar no que afirmamos mesmo quando, em caso extremo seja necessária uma outra postura. Então: “Lutaremos nas praias, lutaremos nos aeródromos, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nos montes, nunca nos renderemos” (CHURCHILL *apud* GILBERT, 2020, p. 635).

Os motivos que nos farão seguir em frente, nesse provável cenário, surgem não do fortuito momento, mas das lembranças da felicidade pessoal e repartida entre todos e do efeito da crença dos valores que fizeram frente, em tempos idos, à nossa miséria íntima.

Para finalizar, não devemos esquecer que a liberdade encontra-se enredada com uma outra vertente. Jaspers é o nosso guia nessa passagem. Karl Jaspers, quando recebeu em 1958 o Prêmio da Paz, lembrou-nos no seu discurso de agradecimento: “Liberdade não é ‘ex-nihilo’; não é arbitrária, e não é uma aleatória opinião. Em concomitância com a verdade, uma percepção da liberdade torna-se possível. Este é o fator decisivo. Liberdade é vã se não fizer referência à verdade da qual é originária e da qual se serve.” (JASPERS, 2000, p. 4, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1994.

BARTHES, Roland. **L’obvie et l’obtus**. Essais critiques III. Paris: Seuil, 1982.

DELLA MIRANDOLA, Giovanni Pico. **Discurso sobre a dignidade do homem**. Lisboa: Edições 70, 2006.

GILBERT, Martin. **Winston Churchill**: uma vida. Lisboa: Bertrand Editora, 2020.

JASPERS, Karl. **Philosophy and the world**. Washington D. C: Regenery Gateway, 1989.

JASPERS, Karl. **Man in the Modern Age**. New York: Doubleday Anchor Books, 1951.

JASPERS, Karl. **The future of mankind**. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

JASPERS, Karl. **Truth, freedom and peace**. Existenz, Boston, n. 87, p. 17-32, Out. 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **Democracy in America**. Hazleton: The Pennsylvania State University, 2002.